

Maria Luísa Xavier de Oliveira

**Estratégias de ensino para a promoção do letramento digital de  
pessoas idosas: um relato de experiência**

Maria Lúsa Xavier de Oliveira

Estratégias de ensino para a promoção do letramento digital de pessoas idosas: um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador(a): Lilian Dias Bernardo

Rio de Janeiro

2024

O48e Oliveira, Maria Luísa Xavier de  
Estratégias de ensino para a promoção do letramento digital  
de pessoas idosas: um relato de experiência / Maria Luísa  
Xavier de Oliveira - Rio de Janeiro, 2024.  
25 f.

Orientação: Lilian Dias Bernardo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação), Bacharelado  
em Terapia Ocupacional, Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo,  
2024.

1. Letramento digital. 2. População idosa. 3. Tecnologias digitais.  
4. Aprendizagem. 5. Ensino. I. Bernardo, Lilian Dias, orient.  
II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio  
de Janeiro. III. Título

CDU 615.851.3

**MARIA LUÍSA XAVIER DE OLIVEIRA**

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL  
DE PESSOAS IDOSAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de  
Janeiro como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Terapia  
Ocupacional.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Conceito: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_).

Banca Examinadora

---

Profª Doutora Lilian Dias Bernardo – Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

---

Profª Doutora Adriana Renata Sathler de Queiroz – Membro interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

---

Profª Gabriela Alves Mendes – Membro externo

Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)

---

Rafaela Guilherme Ferreira - Membro suplente

Terapeuta Ocupacional (IFRJ)

Dedico este trabalho ao meu avô, Wilson (*in memoriam*). Meu primeiro aluno da vida e a motivação para entrar em um projeto de inclusão digital para pessoas idosas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Monica e Wilson Júnior, que sempre incentivaram os meus estudos e, sob muito trabalho e dedicação, fizeram com que estudar fosse a minha única preocupação e prioridade.

Mãe, se um dia eu for para os meus filhos, metade do que você é para mim, eu estarei feliz. Sem você eu não chegaria até aqui. Pai, obrigada por sempre fazer o possível e o impossível pela minha felicidade. Eu amo vocês.

À minha irmã, Gabriela, que me enche do amor mais puro e do orgulho mais sincero todos os dias. Sua existência me faz querer ser alguém melhor.

Agradeço a todas as amizades feitas durante a graduação que permitiram que a trajetória até esse momento fosse mais leve. Em especial à minha melhor amiga e futura colega de profissão, Ana Beatriz. A nossa amizade me fortalece e eu espero que ela se perdue por mais mil carnavais.

Ao meu namorado, Darlan, que acredita mais em mim do que eu mesma. No ano mais difícil da minha vida, você chegou para me fazer lembrar que viver é bom demais (e com você é bem melhor). Eu te amo!

À minha orientadora, Lilian Dias, por toda paciência e carinho durante a minha trajetória no ID60+, desde a entrada no projeto até a criação de um TCC sobre as experiências vivenciadas nele. Obrigada por me ajudar a tornar isso possível.

Aos meus avós, Aurea Maria e Wilson (*in memoriam*). Vó, espero que você viva o bastante para comemorar todas as minhas conquistas. Vô, gostaria que estivesse aqui fazendo uma comidinha diferente em comemoração, mas sei que está feliz por mim aí do céu.

## RESUMO

No panorama contemporâneo, o crescimento da população idosa concomitante ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) evidenciam a necessidade de programas de letramento digital para sanar a lacuna digital, decorrente desses dois fenômenos, entre a geração mais nova e mais velha. Neste cenário, este trabalho teve como objetivo relatar a experiência vivenciada na condução de oficinas de letramento digital e as diferentes estratégias utilizadas durante o processo de ensino-aprendizagem das competências digitais por pessoas idosas. A elaboração do relato de experiência foi realizada através da consulta de observações feitas em diários de campo reflexivos baseados no Arco de Maguerez e as lembranças acerca dos encontros. Os obstáculos vivenciados eram representados por distratores ambientais (televisões/rádios ligados e interrupção de terceiros durante os encontros), pela complexidade da função ou insuficiência das configurações do aparelho. No entanto, diferentes estratégias eram pensadas para superar as barreiras, tais como a adoção de exercícios para fixar o conteúdo e a escolha da conduta de ensino respeitando o estilo de aprendizagem de cada aluno. Pôde-se observar que, apesar das barreiras ambientais encontradas em cada oficina, as estratégias facilitadoras adotadas foram potencializadoras para a aprendizagem das tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Letramento digital. População idosa. Tecnologias digitais. Aprendizagem. Ensino.

## **ABSTRACT**

In the contemporary landscape, the growth of the elderly population, alongside the advancement of Information and Communication Technologies (ICTs), highlights the need for digital literacy programs to bridge the digital gap between the younger and older generations. In this context, the aim of this work was to report on the experience of conducting digital literacy workshops and the different strategies employed during the teaching and learning process of digital skills for older adults. The report was developed through consultations of observations recorded in reflective field diaries based on the Maguerez Arch framework and the recollection of the meetings. The challenges encountered included environmental distractions (such as TVs/radios being on and interruptions by third parties during the sessions) and the complexity or inadequacy of device settings. However, various strategies were devised to overcome these barriers, such as adopting exercises to reinforce content and tailoring teaching approaches to each student's learning style. It was observed that, despite the environmental challenges faced in each workshop, the facilitating strategies adopted significantly enhanced the learning of digital technologies.

**Keywords:** Digital literacy. Elderly population. Digital technologies. Learning. Teaching.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Período de participação .....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 Percepções acerca dos fatores ambientais no processo de letramento digital .....</b>	<b>13</b>
<b>3.3 Percepções acerca dos fatores sociais no processo de letramento digital .....</b>	<b>15</b>
<b>3.4 Construindo materiais didáticos .....</b>	<b>16</b>
<b>3.5 Produzindo reflexões sobre os encontros: o Arco de Maguerez e o processo de ensino-aprendizagem .....</b>	<b>19</b>
<b>3.6 Sentimentos vivenciados no percurso extensionista .....</b>	<b>20</b>
<b>3.7 Propostas futuras de intervenção .....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O crescimento da população idosa é um fenômeno que tem se difundido de maneira significativa no panorama contemporâneo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), entre os anos de 2010 até o mais recente Censo Demográfico de 2022, houve uma crescente de 57,4% no número de pessoas idosas brasileiras, que atualmente, compõem 10,9% da população total do país.

Proporcional ao envelhecimento populacional, o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), representadas pelos *smartphones*, computadores, *notebooks* e *tablets*, também é um fenômeno marcante na sociedade contemporânea. Na combinação desses dois acontecimentos, observa-se uma lacuna digital entre a geração mais nova e mais velha em relação ao acesso e utilização dessas tecnologias (Páscoa; Gil, 2015 apud Cachioni *et al.*, 2020).

A geração mais nova possui maior facilidade em adaptar-se às mudanças tecnológicas, uma vez que somado ao interesse e atração pelos eletrônicos, possuem o contato com estes recursos digitais desde a infância, sendo considerados “nativos digitais” (Gil, 2019 apud Flauzino *et al.*, 2020; Kachar, 2023). Em contrapartida, a geração mais velha, nascida antes do fenômeno dos avanços das TIC's, é identificada como “imigrantes digitais” ou “nômades digitais” por não apresentarem tanta familiaridade e facilidade para usufruir dos benefícios das inovações tecnológicas (Silva; Santos; Feitosa, 2016; Wang; Sigerson; Cheng, 2019 apud Cachioni *et al.*, 2020).

O que se observa é que, diante do atual avanço tecnológico, muitas atividades do dia a dia modificaram a sua forma de ser realizada, sobretudo nas atividades que envolvem a comunicação, nos usos de eletrodomésticos digitais, em estabelecimentos essenciais como mercados, bancos e até mesmo serviços de saúde (Kachar, 2003 apud Da Silva; Dos Santos; Feitosa, 2016).

Por consequência, torna-se necessária a constante aprendizagem quanto ao uso das tecnologias, para que a população idosa esteja apta a acompanhar e adaptar essas mudanças impostas à sua nova rotina (Reis, 2017).

Apesar de observar um aumento quanto ao uso da internet pela população idosa com o passar dos anos (Hunsaker; Hargittai, 2018 apud Flauzino *et al.*, 2020), a geração atual de pessoas idosas ainda compõe o grupo populacional com menor

acesso aos recursos tecnológicos, devido a fatores referentes à dificuldade na compreensão dos conhecimentos disponibilizados pelas ferramentas digitais, impactando na adoção e utilização das tecnologias (Czja; Lee, 2007; Hauk; Hüffmeier; Krumm, 2018 apud Cachioni *et al.*, 2020).

O acesso a esses recursos tecnológicos se torna um facilitador para a inclusão social da população idosa, pois oferece serviços que modificam e possibilitam diferentes formas de desenvolver suas atividades cotidianas e se relacionar com os outros (Reis, 2017).

O reconhecimento dos benefícios se dá a partir do letramento digital, uma vez que este promove não só a inclusão digital, mas também a inclusão social por meio de outras possibilidades de acesso e de desenvolvimento pessoal, afetivo e cognitivo dos usuários (Páscoa; Gil, 2015 apud Cachioni *et al.*, 2020). O letramento digital é conhecido como a etapa da aprendizagem do universo digital que visa a compreensão das informações, envolvendo o processo de assimilação, análise crítica e a possibilidade de reelaborar e gerenciar o conhecimento adquirido (Machado; Longhi; Behar, 2013 apud Cachioni *et al.*, 2020).

O desenvolvimento das habilidades proporcionadas pelo letramento digital contribui para diminuição da lacuna digital (Flauzino *et al.*, 2020), já citada anteriormente como um problema entre as gerações mais novas e mais velhas, na atualidade. Para sanar esta questão, expõe-se a necessidade de programas de letramento digital para pessoas idosas preocupados com a operacionalização das estratégias técnicas e metodológicas, com o intuito de ampliar as habilidades e competências digitais dessa população (Gil, 2015 apud Flauzino *et al.*, 2020), uma vez que a educação pode ocorrer em toda extensão da vida, não existindo uma fase específica para aprender (Martin, 2007 apud Machado *et al.*, 2016).

De acordo com o exposto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada na condução de dois tipos de oficina de letramento digital, abordando a percepção acerca das potencialidades das estratégias de ensino adotadas e os fatores potencializadores que envolvem o processo de ensino-aprendizagem das competências digitais por pessoas idosas.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, vivenciado do período de abril de 2022 até julho de 2023, em um projeto de extensão de inclusão digital para pessoas idosas, realizado no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) intitulado ID60+. Estas pessoas idosas serão referidas neste trabalho como “alunos” ou “participantes” da oficina.

As oficinas de inclusão digital ocorreram da seguinte forma: uma no **formato remoto**, com 10 aulas personalizadas a partir das demandas e conteúdos de interesse trazidos pelas pessoas idosas e duas oficinas no **formato presencial**, sendo uma com 10 aulas com conteúdos personalizados e outra com 13 aulas a partir de conteúdos pré-determinados, pois essa segunda utilizou a culinária como recurso afetivo complementar no processo de ensino-aprendizagem sobre competências digitais.

Após cada encontro, foi preenchido um diário de campo reflexivo baseado no Arco de Magueres em que eu podia descrever sobre as observações feitas em cada encontro, abordando os contextos, os aspectos emocionais e cognitivos acerca dos problemas relacionados ao letramento digital e aprendizagem das pessoas idosas.

Estes materiais foram utilizados como base para a elaboração das minhas vivências no projeto.

## 3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

### 3.1 Período de participação

De maneira cronológica, a primeira experiência como monitora foi no formato de turma *online* via comunicação em plataformas de videoconferência, do período de 4 de maio de 2022 a 20 de julho de 2022. Esse formato surgiu pela necessidade das atividades ocorrerem de modo remoto devido à pandemia do vírus da COVID-19 e a possibilidade de abranger alunos de diferentes estados do Brasil interessados em aprender a utilizar os dispositivos digitais de maneira independente.

Em sequência, houve a transição das aulas do formato remoto para o presencial em salas de aula do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) com a duração de 3 meses, do período de 14 de outubro de 2022 a 13 de janeiro de 2023.

A última experiência foi marcada pelo uso da culinária como recurso complementar no processo do letramento digital para pessoas idosas que possuíam

interesse em aprender a usar o celular e concomitantemente ter afinidade em cozinhar, com início em 24 de março de 2023 e término em 7 de julho de 2023.

As três oficinas de inclusão digital foram desenvolvidas em diferentes metodologias, fazendo o uso de estratégias específicas para cada uma delas. Dentre essas estratégias adotadas houveram diversos fatores ambientais e sociais que influenciaram no processo de ensino-aprendizagem das tecnologias digitais, desde o recrutamento dos participantes à finalização de cada turma.

### **3.2 Percepções acerca dos fatores ambientais no processo de letramento digital**

Segundo a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), os fatores ambientais constituem o ambiente físico, social e atitudinal em que as pessoas vivem e conduzem sua vida, gerando impactos positivos ou negativos que se tornam facilitadores ou limitadores no desempenho das atividades e participação social do indivíduo (OMS, 2003).

Em consequência à pandemia pelo vírus da COVID-19 e visando maneiras de dar continuidade às oficinas de inclusão digital, tornou-se necessário adotar o formato de atividades remotas através de plataformas de comunicação digitais e de videoconferências e, provisoriamente, suspender as atividades presenciais. Sendo assim, o ensino quanto ao uso das tecnologias foi realizado por meio destes mesmos artefatos digitais.

Os encontros eram realizados através da ferramenta de vídeo *Google Meet*. A primeira aula e contato com o trio de participantes teve como objetivo ambientá-los a respeito dos recursos fornecidos pela plataforma e que seriam futuramente necessários para a condução da oficina.

A cada encontro, através da dinâmica de revezamento, os participantes compartilhavam a interface do *smartphone* com todos os presentes na chamada de vídeo, para que fosse possível visualizar a tela e instruí-los passo a passo quanto aos comandos necessários para aprender a realizar a função desejada. Mediante a impossibilidade de haver compartilhamento de telas simultâneas na plataforma do *Google Meet*, essa dinâmica estendia o horário estipulado para a duração das aulas, dado o fato que os monitores ensinavam o conteúdo estritamente para um participante por vez. Por conseguinte, este modo permitia que os alunos tivessem acesso ao conteúdo repetidamente em uma mesma aula, sendo um aspecto positivo para a

aprendizagem por repetição, porém, em contrapartida, em alguns momentos era observado uma certa impaciência e desatenção pelo mesmo motivo.

Por outro lado, no formato presencial, com e sem o uso da culinária como recurso complementar, a dinâmica era de dois monitores para cada dois alunos, ou seja, os alunos recebiam dedicação exclusiva quanto ao ensino do conteúdo, sem precisar intercalar com os outros participantes.

Outrossim, a presença dos alunos no ambiente físico (formato presencial) gerava menos distratores externos para ambas as partes, tanto para os participantes quanto para os monitores. O ambiente propício com cadeiras ao contrário de sofás e camas, mesas para apoiar os materiais necessários para as aulas e um local reservado destinado para os encontros pareciam impactar positivamente para a atenção e conforto durante o ensino e aprendizagem do conteúdo, visto que no formato remoto, por vezes, havia distratores como a televisão/rádio ligado durante os encontros, interrupção de familiares e demais pessoas através de ligações, visitas e tentativas de contato com os participantes. Outro ponto positivo do formato presencial foi a conexão via *internet* ser dispensável para o fluxo da aula, que poderia ser continuada mesmo com a falta dela, pois eu poderia modificar o plano de ensino para conteúdos que não exigem acesso à internet.

Todavia, assim como a falta de *internet* aplicava-se como uma barreira durante o formato remoto, a baixa capacidade de armazenamento dos celulares dos participantes era o obstáculo no formato presencial, em especial na Oficina que fazia uso da culinária como recurso complementar. Os conteúdos da oficina demandavam de aplicativos que exigiam bastante memória e *Smartphones* rápidos à resposta dos comandos solicitados no celular, o que dificultava o ministrar da aula e dar seguimento aos conteúdos pré-determinados. Além disso, tais conteúdos apresentavam um grau de complexidade maior em relação à oficina de celular em que os temas escolhidos pelos próprios participantes, o que acarretou na extensão do tempo destinado para os encontros e, conseqüentemente, alguns conteúdos não puderam ser apresentados a eles.

No contexto exposto, o ambiente físico virtual ou presencial se mostrou como um aspecto que influencia no aprendizado para o uso dos dispositivos digitais. Olhar para as características desse ambiente é fator crucial para favorecer a aprendizagem das novas tecnologias.

### 3.3 Percepções acerca dos fatores sociais no processo de letramento digital

Segundo Peek *et al.* (2016 apud Doll; Cachioni; Machado, 2022), para que haja a aceitação e adoção, ou não, dos recursos tecnológicos, fatores como as experiências iniciais, as motivações e a maneira pela qual os alunos são ensinados sobre essas tecnologias são determinantes no processo do letramento digital.

O período de isolamento social devido a pandemia de COVID-19, apesar de parecer contraditório, foi determinante para a vinculação do binômio monitor-aluno ao decorrer dos encontros no formato remoto. As aulas tornaram-se um ambiente confortável de fala e escuta de ambas as partes. As conversas informais no início dos encontros (antes de lecionar o conteúdo previsto para a semana), referentes ao tempo em cada Estado dos participantes e as atualizações sobre a própria saúde e a de entes queridos estreitou laços entre as participantes e a monitora. Entretanto, em certos momentos, o objetivo de algumas aulas era substituído pela necessidade de acolhimento frente às intercorrências pessoais das alunas idosas, caracterizando o encontro como um espaço para compartilhamento de sentimentos e experiências desafiadoras vivenciadas.

Apesar desse momento de acolhimento e a nítida evolução quanto às competências digitais das alunas, durante o formato remoto, a presença dos alunos era inconstante (por situações de adoecimento, acesso à *internet* e luto), o que impactava no resultado esperado para o processo de ensino-aprendizagem, além de me gerar, em mim, um sentimento de frustração. Era notório como a carga emocional e pessoal das participantes implicavam na manutenção das atividades do curso.

Nas duas oficinas realizadas de forma presencial, a participação assídua das alunas nos encontros e a adesão em relação às atividades extra-aprendizagem, como por exemplo, as confraternizações e o encontro de encerramento de ciclo, eram motivadoras para prosseguir com o processo já iniciado e, conseqüentemente, no desenvolvimento das competências digitais.

Observei que o vínculo estabelecido no formato de ensino utilizando a culinária como um recurso afetivo complementar, foi maior se comparado às outras oficinas. Cumprindo com o objetivo, a dinâmica utilizada tornou o processo de ensino-aprendizagem mais leve, uma vez que após a explicação do conteúdo e preparação das receitas, havia o momento de degustação e evocação de memórias afetivas a

respeito do prato, assim como, conversas livres, proporcionando maior interação entre todos os envolvidos.

No aspecto relatado, os relacionamentos que se estabeleceram nas oficinas de inclusão digital me pareceram ser condições facilitadoras para a adesão às novas tecnologias, pois o suporte que estabeleci com os alunos e o que foi observado entre alunos, mostrou a criação de uma ambiência que promovia a segurança e autoconfiança. A literatura aponta que esses dois aspectos são essenciais para a aprendizagem de novos conteúdos (Alvaro *et al.*, 2022).

### **3.4 Construindo materiais didáticos**

Em oficinas de letramento digital para pessoas idosas, cujo objetivo é proporcionar a inclusão digital a partir do desenvolvimento das competências necessárias para fazer uso dos recursos tecnológicos, faz-se imprescindível atentar-se às preferências dos alunos em relação aos conteúdos a serem aprendidos, assegurar-lhes maior envolvimento no próprio processo de aprendizagem e maior participação nas atividades, implementar práticas didáticas flexíveis e acessíveis, e reconhecer o valor das relações sociais durante a aprendizagem (Tyler *et al.*, 2020 apud Doll; Cachioni; Machado, 2022).

A preferência de conteúdos a serem aprendidos pelos alunos durante o formato remoto e o formato presencial (sem o uso da culinária), era o fator norteador para o planejamento das aulas durante o decorrer do curso, uma vez que os alunos apontavam suas demandas quanto ao uso do celular, sendo responsáveis pela escolha de assuntos a serem abordados em cada aula. Entretanto, com a culinária, os conteúdos a serem lecionados eram determinados previamente sem a participação dos alunos.

Observei que o envolvimento dos participantes na escolha dos temas a serem abordados durante o curso foram determinantes para a motivação em aprender e para a adesão aos aplicativos e funções aprendidas nos encontros, posto que estes eram considerados úteis para seus cotidianos, enquanto os conteúdos pré-determinados da oficina de culinária eram úteis para o objetivo daquele formato, que era a produção de um *e-book* sobre as receitas e suas respectivas histórias afetivas, sem garantir que a aprendizagem para aquelas funções tecnológicas seriam utilizadas posteriormente.



Nas três diferentes propostas de oficinas ofertadas para os participantes, os materiais didáticos, denominados como apostilas, foram diversificados tanto em sua confecção quanto em seu conteúdo.

No formato remoto, as apostilas eram confeccionadas antecipadamente, ou seja, os alunos possuíam acesso ao material teórico antes da aula prática, uma vez que o conteúdo a ser aprendido era enviado em formato PDF via *WhatsApp*, dias antes do encontro virtual. Em contraste com esse formato, no presencial as apostilas eram confeccionadas após as aulas.

Considerando as alterações sensoriais e cognitivas decorrentes do processo de envelhecimento, a produção das apostilas, em todos os formatos previamente mencionados, seguiam um padrão em relação à sua apresentação. Estas eram confeccionadas no formato passo a passo com imagens ilustrando cada passo acompanhadas de setas coloridas para sinalizar na imagem o comando descrito de maneira objetiva, conforme preconizam os pesquisadores da área da gerontologia educacional (Czaja; Sharit, 2012 apud Raymundo; Gil; Bernardo, 2019).

Quanto à fonte, estas eram utilizadas em um tamanho maior que o habitual, visto que é importante considerar as características dos participantes, principalmente se há ou não alterações visuais e tipo de letra de fácil compreensão a fim de facilitar a leitura (Raymundo; Gil; Bernardo, 2019). Assim, eu utilizava fonte 14 sem serifa para apostilas impressas e fonte 24/26 para apostilas em PDF.

A linguagem utilizada nos materiais didáticos em cursos de inclusão digital deve ser simples e familiar para o vocabulário da pessoa idosa (Czaja; Sharit, 2012 apud Raymundo; Gil; Bernardo, 2019). Desse modo, a linguagem das apostilas também era padronizada, evitando de expressões ou termos técnicos que pudessem dificultar o entendimento dos comandos descritos (como por exemplo, a troca da palavra “clique” por “toque”) e/ou correr o risco de infantilizar a escrita com o uso de palavras no diminutivo (como por exemplo, o uso de “setinha” ou “bolinha”) e ou (Czaja; Sharit, 2012 apud Raymundo; Gil; Bernardo, 2019).

Apesar da padronização, as apostilas eram corrigidas antes de serem enviadas via *WhatsApp* (formato remoto) ou entregues pessoalmente para que eventuais erros de escrita ou comunicação não fossem cometidos (formato presencial). Isso dava mais segurança e confiança de que a produção do material de suporte estava adequada às necessidades de aprendizagem das pessoas idosas.

Ao refletir sobre os aspectos negativos observados nesta tarefa, é possível ressaltar que, no período remoto, eu possuía dificuldade em produzir uma apostila com instruções semelhantes ao modelo de celular dos alunos, uma vez que não tinha acesso a um dispositivo minimamente similar ao que possuem. Esse fator representava uma barreira no processo de ensino-aprendizagem, pois permitia espaço para a existência de lacunas ou erros na descrição do passo a passo das funções.

Por sua vez, na oficina presencial, as apostilas eram confeccionadas a partir do que era vivenciado no espaço destinado às oficinas. Após a explicação do conteúdo, os monitores solicitavam aos alunos os seus dispositivos móveis para coletar, através de capturas de tela, os caminhos a serem percorridos para executar as tarefas ensinadas. Essas imagens, colhidas em sala de aula, eram incorporadas ao conteúdo presente nas apostilas. Dessa forma, o material de suporte proporcionava informações precisas em relação ao dispositivo do aluno e, para além disso, otimizava o tempo de confecção, uma vez que não era necessário procurar imagens na *internet* para ilustrar as etapas das funções.

Na oficina associada à culinária, as apostilas foram produzidas previamente ao início da turma, seguindo a mesma padronização estética dos outros formatos. Apesar dos alunos não terem escolhido os temas a serem aprendidos ao decorrer dos encontros, percebeu-se que não houve resistência ou desinteresse em aprender o conteúdo pré-selecionado.

Como não havia mais a necessidade de confeccionar semanalmente os conteúdos das aulas, o trabalho como monitora foi menos exaustivo em comparação às outras experiências no projeto. Outro ponto positivo, no olhar como monitora, foi a utilização da apostila como um material de suporte para o próprio monitor se preparar para os encontros semanais.

Discorrendo quanto a influência desse modelo de oficina no dia a dia dos participantes, foi observado que apesar dos temas abordados despertar novos olhares sobre funções que talvez não fossem cotadas como opções a serem aprendidas, a pré-determinação do material com conteúdos específicos para o objetivo da oficina de culinária, ocasionou muitos encontros sobre temas que não são aplicáveis ao cotidiano dessas pessoas idosas e que, possivelmente, como já dito, não serão utilizados posteriormente. Nos estudos de gerontecnologia, esse fator não facilita a aceitação e a incorporação da tecnologia no cotidiano das pessoas idosas.

Em suma, os materiais didáticos podem ser classificados como uma estratégia no processo de ensino-aprendizagem, posto que suas especificidades em cada formato influenciaram de maneiras distintas o decorrer dos encontros tanto para o emissor quanto para o receptor do conhecimento.

### **3.5 Produzindo reflexões sobre os encontros: o Arco de Maguerez e o processo de ensino-aprendizagem**

O Arco de Maguerez é caracterizado como uma metodologia da problematização descrita a partir da vivência do estudante (que neste estudo se refere à minha vivência) em problemas reais do objeto em foco, onde através do diálogo são pensadas soluções para as questões identificadas (Berbel, 1995).

Segundo Berbel (1995), a metodologia da problematização é composta por cinco etapas, sendo elas: a observação da realidade, os pontos-chave, a teorização, a hipótese de solução e a aplicação à realidade. A etapa utilizada a criação do Arco de Maguerez do ID60+ foi a observação da realidade.

Nesta etapa os estudantes observam, identificam e registram os problemas da realidade vivenciada do objeto em foco, o qual na minha experiência refere-se aos encontros ocorridos durante as turmas de cada formato de oficina de inclusão digital.

De maneira a direcionar os monitores a descreverem questões imprescindíveis sobre os encontros, o Arco de Maguerez elaborado para o projeto de extensão de inclusão digital continha lacunas a serem preenchidas com as observações em sala, as falas resgatadas dos alunos idosos participantes e as percepções dos monitores acerca dos problemas relacionados ao letramento digital e aprendizagem dos idosos.

Para Arthanat *et al.* (2018 apud Doll; Cachioni; Machado, 2022) faz-se necessário conhecer as barreiras que impedem o aprendizado pleno dos alunos idosos e identificar as principais estratégias para facilitar o uso e a adoção das tecnologias no cotidiano dessa população. O Arco de Maguerez é uma metodologia que viabiliza os objetivos apontados anteriormente, uma vez que a partir da observação e comparação dos encontros descritos, o monitor pode elaborar estratégias benéficas para o processo de ensino-aprendizagem, atentando-se a singularidade de cada aluno.

Adotar didáticas específicas para cada aluno, respeitando a sua maneira de aprender, foi fundamental para a compreensão dos conteúdos. A partir do Arco foi

possível observar os estilos de aprendizagem de cada aluno, ou seja, se eles absorviam melhor o que era ensinado com o uso de exemplos concretos do dia a dia, com a prática de exercícios, executando as funções junto a explicação do monitor ou após a explicação completa.

Compreendendo as informações contidas no Arco como uma referência para a escolha da conduta a ser adotada nos encontros posteriores, o preenchimento deveria ser minuciosamente detalhado, o que indicava a necessidade de um período de dedicação para a escrita acadêmica.

Durante o formato *on-line*, o preenchimento do Arco tornava-se mais acessível, pois, além do acesso ao *notebook* desde o início até o término do encontro, as lembranças e observações estavam recentes o suficiente para serem descritas.

Em contrapartida, nos dois formatos presenciais, a falta de acesso ao *notebook* ao final dos encontros, outros compromissos acadêmicos após o encerramento da aula e até mesmo o deslocamento do IFRJ até em casa, dificultava a lembrança para o preenchimento do Arco com informações tão precisas quanto no formato *on-line*, pois estas perdiam-se com o passar do tempo.

Em suma, o preenchimento do Arco foi fundamental para a comparação das aulas anteriores e acompanhamento do progresso tanto dos participantes quanto dos monitores ao longo do curso.

### **3.6 Sentimentos vivenciados no percurso extensionista**

De modo geral, as vivências no projeto de inclusão digital despertaram sentimentos diversos, muitas vezes ambíguos, porém necessários para o meu crescimento profissional. Tais vivências eram relatadas em um dos itens do Arco de Maguerez.

Em todas as oficinas, a primeira aula gerou ansiedade devido às expectativas criadas e a incerteza sobre como seria o formato *on-line* (sendo esta a primeira experiência no projeto) e o retorno aos formatos presenciais (os quais apresentavam estruturas e organizações diferentes a cada período).

Para além disso, enquanto monitora, alguns conteúdos causavam insegurança devido a diversos fatores tais como, a limitação dos aparelhos das alunas (em virtude da falta de armazenamento no celular ou modelos antigos desatualizados), a

complexidade dos temas desejados ou pré-estabelecidos e aplicativos que, pelo celular, apresentam mais restrições do que nos computadores.

Em sua maioria, no período remoto, gerava cansaço, uma vez que a duração dos encontros era prolongada e ultrapassava o tempo estipulado para a atividade. Além disso, sentimentos de frustração foram vivenciados pela inconstância na frequência das alunas, que não forneciam justificativas para as faltas aos encontros ou, quando questionadas sobre motivo da ausência, ignoravam as mensagens e chamadas das monitoras.

No formato presencial, no que diz respeito à aprendizagem das alunas, ao decorrer dos encontros, vivências de gratidão foram mencionadas no preenchimento dos meus sentimentos previsto no Arco de Maguerez e que se referiam à evolução dos alunos idosos. Era possível observar nas expressões faciais e corporais destes alunos, a insegurança com o uso do celular ser substituída pela confiança e curiosidade em aprender conteúdos novos.

No formato com o uso da culinária, o principal tema abordado ao decorrer do registro dos sentimentos foi o conforto em decorrência do estabelecimento de vínculos formados. Comparando as três experiências no projeto, a turma de culinária rendeu muitas trocas afetivas, tanto no meu papel de monitora com as alunas, quanto com os alunos entre si. Esse foi um ponto marcante desse período: ao fim de cada encontro, havia uma confraternização para que as participantes pudessem apresentar a receita preparada por elas e sua respectiva história afetiva, sendo assim, os monitores e as alunas tinham contato com todos os presentes da sala.

A vinculação foi fundamental para a adesão das alunas ao curso. Ocasionalmente, observou-se que algumas alunas chegavam um tanto desanimadas, entretanto, ao decorrer da aula, o ânimo se elevava devido a distração e a união do grupo. Essa mudança de comportamento observada nos idosos, me gerava sensação de alegria enquanto monitora.

Isso pode ser confirmado ao término dos cursos, com a confraternização de encerramento. Nesse encontro, todos os monitores e alunos (familiares também eram bem-vindos), assim como a responsável pelo projeto, reuniam-se para assistir à apresentação de um vídeo com fotos e falas marcantes dos participantes. No formato remoto, não houve adesão entre o meu grupo de alunas, sendo assim, apenas uma de três participantes esteve presente na confraternização *on-line*.

No formato presencial, embora tenha havido maior adesão da turma como um todo, apenas uma das minhas duas alunas participou. Quanto ao formato da culinária, apesar das constantes confraternizações semanais, as minhas duas alunas participaram junto de seus familiares e, a maioria da turma esteve presente.

O momento da confraternização de encerramento do curso, em todos os formatos, provocou uma sensação de alívio devido à conclusão de uma etapa com sucesso, cumprindo com os objetivos. A participação das alunas nesse momento reflete a importância dada ao curso.

As experiências com a ausência de alunas sem justificativas geraram questionamentos internos quanto a satisfação das participantes com o curso. O formato da culinária foi uma experiência excelente tanto pela adesão total de todas as participantes (inclusive as que não eram ensinadas por mim e minha dupla) mas, também, pela participação de seus familiares.

Ao conviver com as alunas, escutamos histórias e o carinho por seus entes a cada encontro, logo, poder comemorar o encerramento com essas pessoas ao lado é muito gratificante. Ademais, o encerramento desta turma foi especial devido ao vínculo criado ao decorrer das aulas e por ser, também, o encerramento da minha participação como monitora no projeto.

### **3.7 Propostas futuras de intervenção**

Os desafios e oportunidades vivenciados no projeto de extensão, construíram uma bagagem que aprimoraram minha prática futura profissional e me deram subsídios para pensar em melhorias na condução das dinâmicas extensionistas. Visando aprimorar a abordagem e condução dos formatos de oficina, trago possíveis estratégias a serem adotadas para as próximas turmas com base na experiência vivenciada ao decorrer do período como monitora de letramento digital.

Como explicitado ao longo do relato de experiência, o ambiente físico, quando não apropriado, pode se tornar uma barreira no processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, no formato remoto, torna-se imprescindível orientações a respeito da importância de um local propício para os encontros: sem a interferência de aparelhos eletrônicos sonoros como televisões e rádios ligados, com um local adequado para apoiar o material de estudo, assim como, um ambiente que permita minimamente a privacidade do aluno.

Faz-se imprescindível durante a aprendizagem, um ambiente onde o aluno se sente confortável para se expressar sem a interferência de terceiros, seja sobre conteúdos de inclusão digital ou assuntos particulares. Isto garante que o aluno se sinta seguro para explicitar suas dúvidas sem ter vergonha ou medo de julgamentos de seus familiares e pares.

Em relação ao formato usando a culinária, os conteúdos necessários para cumprir com o objetivo da oficina eram mais complexos, o que exigia do monitor um tempo para estudar sobre os aplicativos a serem ensinados antes de passá-los para os alunos. Sendo assim, um treinamento referente aos conteúdos programados para turma, assim como a maneira de conduzir as aulas (sejam as usando o celular ou na cozinha) seria fundamental para um bom aproveitamento da oficina, tanto para o monitor quanto para os alunos. Isto garantiria uma melhor organização para a condução dos encontros.

Ademais, quanto à complexidade dos conteúdos, a duração do horário dos encontros e, também, da quantidade de encontros disponibilizados para a concretização da oficina foram insuficientes para a conclusão do ensino de todo o material disposto na apostila. Logo, torna-se fundamental a extensão do calendário das oficinas de letramento digital utilizando a culinária como recurso complementar para que o objetivo dela seja cumprido.

Com o objetivo de fixar o conteúdo ensinado, uma estratégia viável a ser adotada é a implementação de exercícios de reforço para serem realizados em casa sem a assistência do monitor. Estimular o aluno a explorar o conteúdo aprendido sozinho, pode resultar em dúvidas sobre determinados comandos, as quais podem ser esclarecidas durante a correção do exercício junto ao monitor.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência no projeto de extensão ID60+, contribuiu para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, enriquecendo minhas competências e conhecimentos em ambos os aspectos. Por ter sido a primeira vivência prática durante a graduação, a participação no projeto me deu a confiança necessária para lidar com outras pessoas, mediar grupos, planejar atendimentos e vincular com os pacientes. Enxerga-se que os diferentes formatos, visto suas particularidades, auxiliaram na capacidade de adaptação a diferentes situações.

Quanto ao ensino-aprendizagem, as estratégias adotadas nas oficinas cumpriram com seus objetivos de favorecer o letramento digital. Apesar das barreiras ambientais apresentadas em cada formato, como os distratores (televisões/rádios ligados e interrupção de terceiros durante os encontros), os celulares com baixo armazenamento e a complexidade de conteúdos pré determinados/personalizados, foram pensadas inúmeras estratégias facilitadoras com o objetivo de proporcionar o aprendizado pleno dos participantes sobre as tecnologias digitais, tais como a adoção de exercícios para fixar o conteúdo e a escolha da conduta de ensino respeitando o estilo de aprendizagem de cada aluno.

Tendo em vista que o presente trabalho trata-se de um relato de experiência, o viés de memória deve ser levado em consideração, uma vez que há a possibilidade de esquecimento em relatar algumas potencialidades e obstáculos vivenciados nas oficinas descritas.

## 5 REFERÊNCIAS

ALVARO, S. S. O. *et al.* Navegando em ondas virtuais: barreiras e facilitadores para a inclusão digital de idosos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 9, 6 jul. 2022.

BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 09-19, 1995.

CACHIONI, M. *et al.* Idosos on-line: tecnologia como recurso para a aprendizagem ao longo da vida. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 25, edição especial, p. 45-61, 2020.

DA SILVA, R. O.; DOS SANTOS, D. B.; FEITOSA, E. T. O uso de tecnologias pela população idosa Brasileira. **Tecnologias em Projeção**, v. 7, n. 2, 2016.

DOLL, J.; CACHIONI, M.; MACHADO, L. R. O idoso e as novas tecnologias digitais. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. cap. 155.

FLAUZINO, K. DE L. *et al.* Letramento Digital para Idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. e104913, 2020

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: População por idade e sexo - Resultados do universo.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2023.



MACHADO, L. R. *et al.* Mapeamento de competências digitais: a inclusão social dos idosos. **ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP**, v. 18, n. 4, p. 903–921, 2016.

Organização Mundial de Saúde (OMS). **CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. São Paulo: EDUSP; 2003.

RAYMUNDO, T. M.; GIL, H. T.; BERNARDO, L. D. Desenvolvimento de projetos de inclusão digital para idosos. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 22-44, 2019. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/87420>.

REIS, R. L. R. **Benefícios da inclusão digital na vida da pessoa idosa: revisão de literatura**. 2017.

REIS, R. L. R. **Benefícios da inclusão digital na vida da pessoa idosa: revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde da Pessoa Idosa) - Universidade de Brasília. Brasília, 2017.